

"CAMINHOS DO MONGE: A HISTÓRIA DA DEVOÇÃO POPULAR NO PLANALTO MERIDIONAL DO BRASIL (SÉCULOS XIX E XX)": DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

MARIA ELOIZA LOPES PINTO¹; MÁRCIA JANETE ESPIG²

¹Universidade Federal de Pelotas. elolopes91@gmail.com;

²Universidade Federal de Pelotas. marcia.espig@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Enquanto aluna bolsista PBIP/UFPEL do Projeto de Pesquisa Científica - Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, pretendo mostrar neste artigo o trabalho que venho desenvolvendo na pesquisa denominada "*Caminhos do Monge*: a história da devoção popular no planalto meridional do Brasil (Séculos XIX e XX)". A proposta deste projeto é compreender os desdobramentos que aconteceram no interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo após a passagem do monge¹ italiano João Maria de Agostini, durante o século XIX. Este projeto conta com a colaboração do historiador Dr. Alexandre de Oliveira Karsburg, bolsista Docifix FAPERGS/CAPES, e está vinculado com o Programa de Pós-Graduação em História/ UFPel.

Em meados do século XIX chega ao Brasil um monge italiano chamado João Maria de Agostini. Após seu desaparecimento, homens e mulheres começam a criar uma devoção a sua figura, reproduzindo seus ensinamentos enquanto aguardavam seu retorno.

Segundo Karsburg (2012):

Cada grupo passou a interpretar a figura daquele misterioso estrangeiro de acordo com suas próprias expectativas e angústias. Nesse sentido, os médicos da província e da Corte estavam convictos de que o *monge* era um "charlatão" que ludibriava o povo ingênuo com suas falsas promessas de cura. Já o governo do Rio Grande do Sul, envolvido na pacificação, reconstrução e reconhecimento da província após dez anos de guerra civil (Revolta Farroupilha, entre 1835 e 1845), alarmou-se com a aglomeração surgida no Campestre das "águas santas", perto da vila de Santa Maria da Boca do Monte. Tomou medidas preventivas, detendo o *monge* por considerá-lo um líder em potencial da turba que o tinha por *santo*; enviou-o, degredado, para Santa Catarina.

Estudos embasados em depoimentos e documentos foram utilizados para reconstruir o passado deste personagem histórico e os desdobramentos de sua passagem pelo Rio Grande do Sul. Nesse sentido, alguns autores foram fundamentais, como o Padre João Pedro Gay, que, em 1963, fez o primeiro relato histórico sobre o monge publicado na Revista do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro (KARSBURG, 2012).

¹ Segundo o catolicismo popular, um monge era um sujeito especialista no controle do sobrenatural, mágico ou religioso, de diversas atividades humanas ou de fenômenos da natureza (QUEIROZ, 1966, p. 50). O afastamento da Igreja tradicional em relação as comunidades sertanejas fez com quem esses líderes religiosos criassem autonomia para curar e profetizar (MACHADO, 2007). É importante mencionar que "surgimento" dos monges, João Maria de Jesus e José Maria do Santo Agostinho, na Guerra do Contestado, só aconteceu a partir do aparecimento e dos ensinamentos deixados pelo primeiro monge na sua passagem pelo sul do Brasil.

Outros autores também merecem destaque na reconstrução histórica do monge italiano, como Hemetério José Veloso da Silveira.² Este autor trilhou um possível caminho feito pelo monge entre São Paulo e Rio Grande do Sul. Seu trabalho serviu de suporte fundamental para os futuros trabalhos feitos em relação ao monge João Maria de Agostini.³

O objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a reconstrução do processo histórico de devoção ao monge João Maria no sul do Brasil.

Os objetivos específicos a serem alcançados nesta pesquisa são:

- Analisar as práticas religiosas populares inspiradas nos ensinamentos do monge italiano João Maria de Agostini no interior do Rio Grande do Sul, entre 1855 e 1876;

- Avaliar qual foi a reação das autoridades diante destas duas fraternidades que se organizaram paralelamente ao poder da Igreja e do Estado;

- Estudar a situação da Igreja Católica no Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX com o intuito de elucidar os motivos do aparecimento de devoção populares sem a mediação institucional.

- Resgatar os locais onde ainda se preservam a memória do monge italiano e deste modo contribuir para o estudo do Patrimônio Imaterial formado a partir da crença em Agostini e seus sucessores.

Esses objetivos estão listados no plano de trabalho no qual me guio para realização das atividades.

2. METODOLOGIA

Ainda venho desenvolvendo as atividades programadas no plano de trabalho. Portanto, os procedimentos adotados para realização da pesquisa ainda não foram concluídos. As atividades da bolsa se iniciaram em agosto de 2013, portanto, meu trabalho está em fase inicial. As leituras pertinentes ao tema representaram a primeira das tarefas indicadas. Concomitantemente, realizou-se análise em documentos, como sendo uma atividade pedagógica de identificação com os locais de pesquisa.

A pesquisa em arquivo será realizada até dezembro, segundo o cronograma do plano de trabalho. Visitei o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, ambos em Porto Alegre.

No primeiro local de pesquisa, analisei de forma qualitativa o conteúdo presente nos fundos Polícia, Assuntos Religiosos, Autoridades Militares, Documentos dos Governantes e Brigada Militar. Os conteúdos presentes nesses fundos foram anotados manualmente em forma de resumo para facilitar futuros trabalhos.

No Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, analisei as representações jornalísticas do jornal **O Diário** de 1914.

Concomitante à pesquisa em arquivo, o cronograma da Pesquisa Científica, traz no seu plano de trabalho a apresentação da produção acadêmica no Congresso de Iniciação Científica (CIC) da Ufpel e em outros eventos científicos.

² No livro intitulado "As missões orientais e seus antigos domínios", Hetemério traz ricos detalhes acerca da vida do monge. O autor afirma a origem italiana de João Maria de Agostini e sua devoção à Santo Antão Abade, que viveu no Egito no século IV (KARSBURG, 2012).

³ Como, exemplo, temos a tese de doutorado do historiador Alexandre de Oliveira Karsburg, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2012.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa na qual venho trabalhando e que este artigo é resultado, ainda não foi concluída. Porém, algumas tarefas já estão sendo realizadas, como por exemplo a pesquisa em Arquivo Público. Segundo Lopes (2012, p. 177), o conceito de arquivo pode ser pensado sob duas análises de pensamento. O primeiro, que considera os arquivos "como instituições públicas ou para públicas mantidas pelos contribuintes e pela gestão administrativa central ou local do país"; e o segundo, que os analisa enquanto séries documentais, que detêm informações originais, públicas ou particulares, podendo ser usados na manutenção de registros históricos destinados a pesquisa.

A pesquisa que está sendo realizada nos Arquivos Públicos parte da necessidade de se discutir a questão dos arquivos na construção do conhecimento histórico, já que há um distanciamento entre a teoria e a prática na formação da maioria dos historiadores (BARROSO, 2002, p. 199).

Segundo Bacellar (2008), os historiadores deveriam conhecer a estrutura da administração pública ao longo do tempo para que pudessem saber os tipos de documentos produzidos e arquivados por cada instituição. Nesse sentido, viu-se a necessidade da minha pesquisa empírica em Arquivo Público para que eu possa me habituar e compreender esse espaço, que é tão importante para a construção do conhecimento histórico.

No primeiro dia da pesquisa, foi difícil encontrar os fundos que se adequavam ao tema deste Projeto da Pesquisa. Porém com o decorrer do dia e com a ajuda dos profissionais da História, que trabalham no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, pude encontrar documentos fundamentais para o trabalho.

Além do trabalho empírico da pesquisa em Arquivo, o plano de trabalho da Pesquisa Científica traz outras tarefas a serem cumpridas pela aluna bolsista. Ler e fichar bibliografia relacionada ao assunto e temas ligados à religiosidade e profetismo popular, bem como as relações entre Igreja Católica e Estado Imperial brasileiro é uma das atividades que venho desenvolvendo. Além da leitura, o fichamento desses textos é fundamental para uma melhor compreensão. Autores como Mauricio Vinhas de Queiroz, José Fraga Fachel, Douglas Teixeira Monteiro, Paulo Pinheiro Machado e Maria Isaura Pereira de Queiroz são de suma importância para o estudo do monge. Segundo a historiografia há pelo menos três monges, como destaca Karsburg, (2012):

[...] o primeiro deles, o *monge* italiano João Maria de Agostini, peregrino que esteve no Brasil em meados do século XIX; o segundo, inspirado no anterior, aumentou o prestígio do nome, ficando conhecido como *monge* João Maria de Jesus, atuante em todo planalto meridional brasileiro entre 1893 e 1906; e um terceiro, denominado José Maria de Santo Agostinho, sendo o único dos *monges* a ter realmente participado da Guerra do Contestado.

Diante disso viu-se a necessidade de estudar autores que fizeram estudos acerca da guerra do Contestado, pois a passagem do primeiro monge pelo Sul do Brasil foi fundamental para a construção dos dois outros monges e da identidade dos sertanejos do Movimento ou Guerra do Contestado. Os devotos de Agostini passaram a reproduzir seus ensinamentos e seu comportamento enquanto aguardavam seu retorno.

4. CONCLUSÕES

O trabalho desenvolvido com a Pesquisa Científica denominada "*Caminhos do Monge*: a história de uma devoção popular no planalto meridional", ainda está em processo, de modo que o projeto ainda não atingiu seus objetivos finais. Porém, as tarefas que venho desenvolvendo já me trazem resultados bastantes significativos enquanto pesquisadora, sobretudo, historiadora.

Minha visita nestes espaços arquivísticos foi fundamental para meu enriquecimento na carreira acadêmica, somente com a prática da pesquisa nos arquivos históricos, pude compreender como funciona a lógica de um arquivo público e me habituar à sua rotina. Também pude entender quais os fundos em que devo dedicar minha atenção e quais se relacionam com tema da Pesquisa Científica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELLAR, Carlos. **Uso e mal uso dos arquivos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (ORG.). **Fonte Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Arquivos e documentos textuais: antigos e novos desafios**. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.31, p. 197-206, jan./jun. 2002.
- ESPIG, Márcia Janete (Org.). **Notícias de uma Guerra Centenária: o Movimento do Contestado através do jornal A Federação (1912-1916)**. São Leopoldo: Oikos, 2013
- FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis, Editora da UFRGS; Editora da UFSC, 1995.
- FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitações das Normas da ABNT**. - 16. ed - Porto Alegre: Dáctilo Plus, 2012.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O Eremita do Novo Mundo A trajetória de um peregrino italiano na América do século XIX (1838-1869)**. 2012. 480p. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- LOPES, Luís Carlos. **O lugar dos arquivos na cultura brasileira**. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.31, p. 177-186, jan./jun. 2012.
- MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1974.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. **La Guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1957, Boletim n. 187.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social (a guerra sertaneja do Contestado - 1912-1916)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- Simpósio Nacional do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional, 1912 - 2012, 29 a 31 de agosto de 2012**, Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2012.